



Prólogo

*“Eu estava nas ruas
Apenas tentando sobreviver
lutando para permanecer vivo”*

Amazing, Aerosmith

Estava exausto, cansado, mas não conseguia dormir. A adrenalina do show percorria todo o meu corpo dolorido, ainda sentia as batidas da banda atrás de mim, o calor do público e o grito das meninas. Observava as luzes da cidade a perder de vista através da janela do hotel enquanto me secava, tentando me lembrar onde estava. Isto acontecia com frequência após os shows. A turnê atingia a metade e, depois de duas horas tocando e cantando, memorizar o nome do lugar em que me apresentei era algo confuso. Após um tempo respirando profundamente, eu me lembrei que estava em Curitiba e, no dia seguinte, iria para Porto Alegre.

Fechei a cortina e encarei a cama do hotel, que me chamava. Meu corpo pedia por ela, eu precisava descansar, mas minha cabeça estava a mil. O banho me acalmou um pouco, relaxou meus músculos, mas ainda me

O som de um coração vazio

sentia entorpecido pelo agito das pessoas cantando alto minhas músicas e o cover do Aerosmith, que inseri na atual turnê. Acima da cama, o quadro levemente torto parecia rir de mim. Não estava dessa forma quando entrei mais cedo no quarto pela primeira vez, e tinha a certeza de que meu irmão havia feito de propósito, para ver como me comportava. Eu tentava ignorar, no fundo sabia que nada de ruim aconteceria se continuasse torto, mas ainda assim me incomodava. Forcei os dentes uns contra os outros, lembrando de minha mãe. A obsessão com objetos fora de seu devido lugar era herança dela, que conseguiu colocar essa paranoia na minha cabeça. Olhei pela janela e sabia que não enxergaria dois carros azuis na rua, por mais que eu quisesse; por causa da escuridão da noite, quase não havia movimento algum. Esperar que três pessoas passassem pelo corredor do hotel estava fora de cogitação, ninguém apareceria ali àquela hora. Todas as alternativas que escolhi para anular um acontecimento ruim eram inviáveis, o que me angustiava. *Nada vai acontecer, nada vai acontecer*, pensei, tentando mentalizar o máximo possível até acreditar. Ou fingir que acreditava.

Mergulhei nos lençóis brancos e aconchegantes. Cada poro meu parecia agradecer e soltei um gemido ao me enfiar embaixo das cobertas. O frio do início de junho que fazia lá fora não entrava no quarto, mas o ar-condicionado estava na temperatura mínima, tornando o ambiente gelado. Fazia assim sempre, independente se era inverno, verão, primavera ou outono; era minha forma de punir a mim mesmo por minhas neuroses.

Antes de fechar os olhos, me levantei e arrumei o quadro. Eu tentei, mas jamais conseguiria dormir com ele torto. Após me certificar de que consegui alinhá-lo corretamente com a cama e o teto, peguei o comprimido que estava na mesinha de cabeceira. A caixinha tarja preta estava escondida em algum lugar na mala do meu irmão, longe do meu alcance. Ele se convenceu de que precisava fazer isto, ou então eu engoliria mais de dois comprimidos, mesmo dizendo a ele várias vezes que não planejava acabar com a minha vida. Tomei o único que me era fornecido, que desceu como se rasgasse minha garganta, mas não me importei. Agarrei meu travesseiro e suspirei, me perguntando se voltaria a abrir os olhos na manhã seguinte.



Capítulo 1

“Acho que você entenderá
Quando eu disser aquilo”

I Wanna Hold Your Hand, The Beatles

Ao acordar, o primeiro pensamento que ocupava a cabeça de Carolina era se aquele seria o dia em que sentiria algo. Não via mais motivo para as pessoas acordarem felizes e, principalmente, como sua irmã, tão parecida e ao mesmo tempo tão diferente, começava suas manhãs animada. Só desejava ficar na cama, ouvindo música.

Tentava se lembrar da Carolina do ano anterior, extrovertida e animada, mas ela pertencia a um passado distante, um fantasma de uma vida anterior. Agora, parecia impossível ela ter sido assim algum dia; era como se estivesse se lembrando de alguém que conhecera e não dela mesma.

— Hora de ir para a faculdade! — gritou Luciana, entrando no quarto da irmã gêmea. Era assim que acordava Carolina durante a semana.
— O dia está lindo e o Douglas vai vir nos buscar.

O som de um coração vazio

— Agora me conta uma novidade — disse Carolina, colocando o travaseiro sobre a cabeça enquanto Luciana se sentava na cama e puxava a sua coberta.

— Vamos, Carol, antes você não tinha tanta preguiça de ir para a universidade, agora está cada dia pior. O que aconteceu? — perguntou Luciana, embora soubesse a resposta.

— Nada — mentiu Carolina, se levantando e indo ao banheiro que interligava os quartos das duas garotas. Ela trancou a porta, indicando para a irmã que a conversa estava encerrada.

Luciana fez uma careta e olhou a parede acima da cama. Ficou observando os pôsteres pregados do cantor Gabriel Moura, o queridinho das adolescentes e obsessão de Carolina, e se lembrou da mãe querendo arrancar tudo antes das aulas começarem, no início do ano. A irmã teve um ataque e os pôsteres permaneceram no quarto.

Depois de um tempo refletindo sobre o período em que ela mudou, com a confusão da divulgação da *Foto* na internet pelo ex-namorado, Luciana se levantou e foi até a cozinha, onde Verônica terminava de preparar o café.

— Já coloquei dois mistos na sanduicheira para vocês e estou saindo, ou chegarei atrasada no trabalho. Certifique-se de que sua irmã comeu, ela tem emagrecido demais.

— Ok, mãe.

— Estou falando sério. Vocês, jovens, ficam com essas neuroses de serem magras e se esquecem da saúde. Se eu não faço sanduíche de manhã, vocês vão para a universidade sem comer nada. Não quero ninguém doente nem saindo sem se alimentar direito. — Verônica deu uma olhada pela cozinha antes de pegar a chave do carro.

— A Carol se alimenta direito — mentiu Luciana. — Acho que ela só fica um pouco triste, às vezes.

— Triste? Triste com o quê? O que há na vida de uma garota de dezoito anos para ser triste? Meu Deus, vocês procuram problemas onde

não existem. — Verônica abriu a porta da cozinha e olhou a filha. — Diga para sua irmã comer tudo, viu?

Luciana concordou e decidiu não tocar no assunto da *Foto*, que já causara muita discussão em casa. Aquela não era uma boa hora para falar de Carolina com a mãe e, também, não sabia se havia algo a mais para dizer. Já tentara conversar com a irmã, que sempre fugia do assunto. O fato de estar triste ultimamente podia ser resultado de vários fatores, inclusive do episódio dos pôsteres, mas desconfiava de que o principal era o vazamento da *Foto*. Ou talvez fosse seu namoro com Douglas. Mal entraram na faculdade e ela e a melhor amiga de Carolina começaram a namorar, e isto pode ter ajudado a gerar um pouco de tristeza e afastamento entre elas, mas não adiantava pressionar. Se a irmã não queria conversar e sempre dizia que não havia problema algum, ela não iria forçar a barra.

O sanduíche ficou pronto e Luciana gritou para que Carolina viesse comer, na esperança de que, desta vez, não precisasse terminar o resto do misto-quente da irmã, para não correr o risco de a mãe encontrar no lixo e perceber que a filha não comeu tudo.



Eu já me acostumei a encontrar Igor mal humorado na parte da manhã. Ele é apenas dois anos mais velho do que eu, mas às vezes parece mais. Meu irmão é tão sério e compenetrado, cheio de ordens, tentando me colocar no caminho certo, como gosta de dizer, que o apelidei de General. O pessoal da banda adorou e Igor não se importou, acho até que gostou. Não sei se entendeu que eu estava sendo sarcástico.

Ele entrou no quarto quando eu estava terminando de colocar uma roupa limpa e me inspecionou, aprovando. Às vezes, eu me sentia como uma criança e não um cara de vinte e um anos, mas desisti de reclamar há muito tempo. Sabia que precisava de uma supervisão, e o fato de Igor exigir uma chave extra do meu quarto nos hotéis onde nos hospedávamos não me irritava mais, como acontecia antes. Ele olhou o quadro e

O som de um coração vazio

fez uma careta, reprovando o fato de eu ter arrumado, mas não comentou nada.

— Todo mundo já tomou café da manhã — disse e fiquei mudo, apenas balançando a cabeça. — Você devia passar a descer para comer com os caras, socializar mais.

— Eu socializo — respondi, embora soubesse que era mentira.

— Sei que ainda não tem amizade com os caras, mas você precisa se esforçar, afinal, é a sua banda.

Concordei silenciosamente e fechei a mala. Era engraçado ouvir Igor chamando o pessoal da banda de “os caras”, sendo que todos já passavam dos quarenta, cinquenta anos e não eram amigos do meu irmão. A tentativa dele em tornar tudo mais íntimo, fingindo que éramos todos grandes companheiros de farra, beirava o patético.

Desde que perdemos Tales, meu antigo baixista e o mais próximo que eu podia chamar de amigo, meu pai e Igor decidiram renovar minha banda sem me consultar. Segundo eles, meus antigos parceiros eram más influências para mim, meus fãs e minha música. Não tive tempo de reclamar e me rebelar; o episódio da morte de Tales aliado à minha overdose, além da crise de minha mãe, foram motivos suficientes para meu pai fazer o que quisesse e colocar Igor totalmente no controle da minha vida. Então, minha banda foi toda trocada para um grupo de caras mais velhos, que mais pareciam meus tios, todos com antecedentes checados para evitar um antigo usuário de drogas no meio. O único mais jovem era Breno, filho do baterista e nosso atual tecladista, além de meu novo melhor amigo, se é que o podia chamar assim, pois ele não sabia um terço dos meus segredos e pensamentos.

— Que horas saímos? — perguntei, mais para mudar de assunto do que por interesse, mas não adiantou muito.

— Em meia hora, você come algo no aeroporto. E vê se passa a interagir mais com a banda, para criar uma afinidade.

— Eu sei.

— Não parece. Por que não começa a descer de noite e conversar com os caras no saguão do hotel ou na piscina, em vez de ficar enfurnado dentro do quarto?

— Eu tento, mas você sabe que de noite prefiro ficar sozinho, descansando e compondo — disse, dando ênfase na parte sobre criar novas músicas, para ver se Igor me deixava em paz.

— Sim, mas não é bom para a sua saúde mental ficar sozinho o tempo todo. É depressivo demais.

— Eu não sou depressivo — respondi, com raiva.

— Não disse que é, apenas que a situação é. Bem, às vezes, você é. — Igor se aproximou de mim e colocou a mão no meu ombro, o máximo de contato físico que ele arriscava desde que tive minha overdose. Parecia que meu irmão tinha medo de me quebrar ao tocar em mim. — Não quero que você fique igual à mamãe. Quero que fique bem.

— Estou bem — menti e saímos do quarto rumo a Porto Alegre.



Ao observar Luciana caminhando em sua direção, Douglas só pensou no quanto era sortudo por ter conquistado o coração da garota. Assim que as aulas na Universidade da Guanabara começaram no início do ano, ele ficou de olho na caloura de Marketing. Todos os seus amigos comentavam sobre ela e sua irmã gêmea, mas Douglas se encantou por Luciana e sempre a achou diferente de Carolina, talvez pela alegria estampada em seu rosto todos os dias.

Ele estudava no complexo de prédios que ocupava um amplo terreno no início do Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio de Janeiro, há um ano e meio e, durante este tempo, não namorou ninguém, nem esperava se envolver tão seriamente com uma garota durante o período da faculdade, mas Luciana era diferente.

— Sonhando acordado? — perguntou a namorada, quando entrou no carro, dando um beijo em Douglas.

O som de um coração vazio

— Não. Apenas admirando a minha garota.

Luciana sorriu, satisfeita. Carolina se acomodou no banco de trás e logo pôs os fones de ouvido.

— Podemos ir — comentou Luciana, percebendo Douglas olhar pelo retrovisor.

— Sua irmã não se cansa das músicas desse cara?

— Não vai começar a implicar, você sabe que eu também gosto dele. Se você curtisse, podíamos ligar o pendrive no carro e todos escutaríamos a mesma música — disse Luciana, tentando fazer cara feia para o namorado, sem sucesso.

— Eu sei, eu sei. Só zoação mesmo — respondeu Douglas. Ele gostava de implicar com Carolina por causa das músicas de Gabriel Moura. Não as achava tão ruins e até escutava algumas de vez em quando, principalmente as do último álbum, que estavam mais sombrias e dramáticas, diferente do som pop dos trabalhos anteriores.

— Animado para a festa de hoje? — perguntou Luciana, mudando de assunto antes que Carolina ouvisse Douglas criticar Gabriel.

— Sim, claro. Festa sexta à noite é sempre uma boa pedida.

Luciana olhou para trás e ia perguntar se a irmã topava ir com eles, mas já sabia a resposta. Como no dia seguinte seria o aniversário de Sabrina e Carolina iria com certeza, o mais provável era que ficasse em casa na sexta. Nos últimos meses, sair duas vezes à noite na mesma semana se tornou algo impensável no mundo solitário da irmã.

No banco de trás, Carolina mexia no celular ao som de *O Abismo*, uma de suas músicas preferidas do novo álbum de Gabriel Moura. Enquanto a voz dele ia narrando alguém que está desesperado procurando algo, correndo na angústia de alcançar o horizonte e ir para um outro mundo, longe de todo o sofrimento que o dominava, Carolina digitava no fórum que frequentava desde abril. Há cerca de dois meses ela descobriu aquele site e se sentiu em casa, compartilhando seus problemas

e dilemas com completos estranhos, mas que pareciam entendê-la mais do que a sua própria família.

Ficou o caminho todo da Tijuca até o Recreio lendo os tópicos e escrevendo seu desabafo na página da web. Não esperava que alguém fosse entender ou responder, mas o simples ato de por para fora o que estava dentro do seu peito e da sua cabeça já ajudou. Saiu do site e tentou não pensar mais no assunto. De noite, ligaria o notebook e mergulharia nos debates do fórum, na esperança de se conectar a alguém.